PANE GERAL/ A suspeita é de curto-circuito ou de falha humana durante a substituição do equipamento de cobre por fibra óptica. Aeroportos retomam lentamente as atividades. Após o apagão, mais de 5 mil voos foram cancelados ontem

Troca de cabos gerou caos aéreo nos EUA

Pelo menos 5 mil dos 41 mil voos previstos para ontem foram cancelados nos Estados Unidos, e outros 5,3 mil sofreram atrasos, prejudicando centenas de milhares de passageiros em aeroportos de todo o país pelo segundo dia consecutivo. O caos começou na sexta-feira, com a suspensão de decolagens atribuída pelo governo a uma falha durante a modernização rotineira de instalações do controle de tráfego aéreo em uma localização não divulgada. Segundo a imprensa norte-americana, autoridades mencionaram que um curto-circuito pode ter ocorrido em Arkansas e no Texas.

O secretário de Transportes dos Estados Unidos, Sean Duffy, e o chefe da Administração Federal de Aviação (FAA), Bryan Bedford, disseram, ontem, que a pane aconteceu quando antigos cabos de cobre foram substituídos por fibra óptica. Ainda não se sabe, porém, de quem foi a responsabilidade pela falha que, na véspera, resultou no cancelamento de 13 mil voos. "O que estamos tentando determinar é se houve incompetência, ou seja, se foi erro do usuário, erro da instalação da L3Harris (a companhia responsável pela troca) ou se eles instalaram um roteador defeituoso", disse Duffy. "Seja por erro do contratado, seja por um equipamento com defeito, o roteador que estava sendo substituído começou a sobrecarregar outros roteadores em nosso sistema de controle de tráfego aéreo."

Além do transtorno para companhias aéreas e passageiros, a crise expõe o risco de novas paralisações, pois, segundo Bedford, a troca do cabeamento foi uma operação rotineira, que não faz parte de um programa mais amplo de modernização, orçado em US$ 12,5 bilhões. Duffy destacou que, mesmo sem saber, ainda, a causa exata da pane, o governo reavaliará os procedimentos e os horários das intervenções. O secretário também voltou a negar a hipótese de ataque cibernético. "Não acreditamos nisso. Assim que conseguimos isolar o trabalho que estava sendo realizado, todos os sistemas voltaram a funcionar."

Em um comunicado, a L3Harris disse ter concluído mais de 70% da conversão planejada do sistema de comunicação do espaço aéreo, instalando a fibra óptica. A empresa acrescentou que está colaborando com a FAA em sua investigação.

Kena Betancur /AFP



Avião prepara-se para decolagem em LaGuardia, Nova York: cancelamentos continuaram no sábado

Filas

Nos aeroportos, as cenas repetiram, ontem, o que se viu na sexta-feira. Filas intermináveis diante dos balcões das companhias aéreas, acampamentos improvisados nas salas de embarque, painéis de informação em vermelho. "Isso é um desastre", resumiu à agência France Presse (AFP) Lisa Beraid, 48 anos, no Aeroporto LaGuardia, em Nova York. O primeiro voo foi cancelado no apagão e remanejado para ontem. Porém, o embarque foi novamente adiado. "Agora, só vamos sair na segunda-feira", revelou, dizendo-se "angustiada" e "frustrada".

Também em LaGuardia, Pat Curlett, 62 anos, contou, no início da manhã de ontem, que já estava no aeroporto há 36 horas. Steven Rathe, 77, deveria embarcar em uma viagem com quatro trechos de Nova York a Albuquerque. "Ninguém espera que todo o sistema de companhias aéreas desmorone", disse. "Temos sorte que não tenha durado mais", referindo-se à reabertura do espaço aéreo na sexta-feira, às 20h15 de Washington (22h15 de Brasília).

Na coletiva de imprensa, Sean Duffy pediu desculpas aos passageiros, mas disse que a prioridade é a segurança. "Você não chegará ao seu destino se acharmos que não pode chegar lá com segurança. Se houver qualquer problema com nossas telecomunicações, fechamos o espaço aéreo. (Na sexta-feira), recolhemos os aviões, os pousamos com segurança, descobrimos o problema, nossos sistemas voltaram a funcionar e estão totalmente operacionais.

Uma paralisação da aviação comercial como a de sexta-feira é extremamente rara. O país teve apenas outros dois episódios do tipo na história recente: após os atentados de 11 de setembro de 2001 e em janeiro de 2023, quando houve uma falha no sistema da FAA.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

O DESAFIO DA MORADIA

Um lugar onde se pode entrar e sair, com um ou mais cômodos para habitar, descansar e guardar memórias. Para muitos, a segurança de voltar para casa torna possível planejar a vida.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos lista a habitação como um direito. Ela aparece também no Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, assim como nas Constituições de um punhado de países. No Brasil, a moradia passou a ser listada no artigo 6º da Constituição a partir da Emenda 26, do ano 2000.

A perene noção sobre a relevância de tal segurança justifica a conferência da União Europeia, em Dublin — a Housing Europe — sobre bairros inclusivos e habitação cooperativa. Nela, o Comitê Econômico e Social Europeu adverte que ampliar a oferta de imóveis, isoladamente, não resolveria a crise habitacional diagnosticada há algum tempo no rico continente.

No Brasil, onde coexistem mundos diversos de privações, com outros de pessoas capazes de conseguirem morar bem e muito bem, e ainda outros de pessoas em situação de rua ou vivendo em assentamentos precários, políticas habitacionais, foram variadas ao longo do tempo. Do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), que vem lá de 1964, ao atual Minha Casa Minha Vida.

Até as políticas corretas precisam ser aperfeiçoadas. No mundo todo, o problema surge quando se espera — ou se promete — que entregar propriedade também produza emprego, crédito e emancipação econômica. No livro *A Ideologia do Proprietário*, publicado pela Universidade de Michigan em 2025, o sociólogo Singumbe Muyeba investiga por que essa promessa atravessa governos e sociedades com histórias tão distintas. Seu livro compara a experiência de quatro metrópoles africanas.

Muyeba é professor e pesquisador nos EUA e nasceu na Zâmbia. E é justamente em Lusaka, capital do país africano, que ele foi entender como a privatização de moradias municipais nos anos 1990 transferiu patrimônio aos ocupantes, gerou valorização dos imóveis, mas foi insuficiente para abrir acesso ao crédito, uma das promessas da estratégia. No todo, as pessoas se sentem bem por serem donas de seus imóveis, mas o principal efeito econômico agregado foi ter retirado receita dos governos locais.

Já em Nairóbi, capital queniana e centro econômico da África Oriental, exigir poupança para a entrada de apartamentos financiados excluiu parte significativa dos mais pobres, inclusive idosos. Na cidade que cresceu com a migração de trabalhadores que encontraram abrigo em assentamentos como Kibera, o acesso à política dependia, assim, de uma poupança que a própria pobreza impedia formar. Política mal desenhada.

Na Cidade do Cabo, cidade portuária sul-africana moldada pela segregação racial, casas subsidiadas em Khayelitsha procuravam reparar a exclusão do apartheid. Ainda que, de fato, elas melhoraram condições de saúde da população, ter a propriedade em si não abriu o crédito prometido para as famílias crescerem economicamente.

A quarta cidade pesquisada é Luanda, capital de Angola, que recebeu populações deslocadas pela guerra civil que machucou o país. Lá, estratégias diferentes mostravam facetas do que prometem e de fato entregam tais políticas.

Após deslizamentos afetarem uma região de assentamentos precários, algumas famílias aceitaram ser alocadas no conjunto de Zango, onde famílias receberam moradias com direitos de uso, enquanto o Estado mantinha a propriedade. Outras famílias preferiram ir para um outro assentamento, chamado Paraiso, em que eram donas do pouco que tinham. Comparadas umas com as outras após um tempo, percebe-se que aquelas em Zango tinham maior segurança de permanência e renda. Elas não eram donas, mas o benefício dispensava a transformação da casa em ativo negociável.

Muyeba chama de "capital estruturalmente ocioso" o imóvel que, nesses mercados, não realiza sua promessa econômica. Bancos exigem capacidade de pagamento, e famílias pobres temem perder a casa oferecida como garantia. O título, sozinho, não garante emprego nem renda. Os ganhos sociais aparecem no sossego de permanecer e nas condições de saúde.

A experiência africana e de outros lugares recomenda combinar a aquisição subsidiada com locação social e apoio continuado às famílias vulneráveis. Recuperar imóveis bem localizados exige enfrentar interesses fundiários e remunerar a construção pela inserção urbana que entrega. As famílias também devem participar das decisões sobre localização e manutenção. O êxito deve ser medido pela segurança de morar anos depois, com saúde e sensação de bem-estar, inclusive quando o trabalho e a renda faltarem.

PAULO DELGADO, sociólogo.

PO NEWS
Boletim informativo das Organizações PaulOOctavio
Informe publicitário
EDIÇÃO Nº 1079 | ANO 51
15 DE NOVEMBRO DE 2026 | BRASÍLIA/DF



TOMIE OHTAKE
EMPREENDIMENTO UNE ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA, LAZER E LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA EM ÁGUAS CLARAS

O Residencial Tomie Ohtake é um dos destaques da PaulOOctavio em Águas Claras, com um projeto que combina sofisticação, conforto e funcionalidade. O empreendimento homenageia a artista plástica Tomie Ohtake, que nasceu no Japão e posteriormente se radicou no Brasil, transformando-se em referência internacional nas artes visuais e na integração entre arte e arquitetura.

Localizado na Avenida Flamboyant, o residencial está situado entre o Parque Ecológico de Águas Claras e a estação de metrô. São duas torres residenciais interligadas por um pavimento de lazer com 1.820 m² de área coletiva. O projeto oferece apartamentos de três e quatro quartos, com metragens que variam de 89 m² a 408 m². As opções incluem unidades tradicionais, gardens com terraços e coberturas duplex. Os imóveis contam com plantas amplas, cozinhas gourmet integradas e infraestrutura para ar-condicionado. As unidades também oferecem até três vagas de garagem.

A estrutura de lazer reúne piscinas adulto e infantil, academia e quadra poliesportiva. O espaço conta ainda com salão de festas, espaço gourmet, brinquedoteca e playground. Bicicletários e áreas comuns planejadas complementam a infraestrutura do residencial. Um dos destaques é a piscina adulta, com 24,7 metros de extensão.

A fachada contemporânea, marcada pelo jogo de volumes, confere personalidade ao projeto e contribui para a paisagem urbana de Águas Claras. A arquitetura leva a assinatura da Estrela Arquitetura, enquanto os interiores são da ArqBr e o paisagismo, da Quinta Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo. Com entrega prevista para julho de 2027, o Tomie Ohtake está na fase final de construção e representa mais uma grande obra da PaulOOctavio a contribuir com a valorização imobiliária da região.

www.paulooctavio.com.br